

Ética em psicanálise. Política do sintoma

O que significa isso?

Silvia Amigo

Das profissões impossíveis enumeradas por Freud, a da psicanálise é a única em que técnica e ética devem formar uma única cara moebianamente unida. Uma derrapagem na práxis torna-se uma derrapagem ética. E sua política deveria ser apenas a do sintoma. Mas... o que significa isso?

No seminário *A ética da psicanálise*, Lacan não fundamenta sua ética em uma série de preceitos morais que teriam origem no céu, em algum pai ou entidade regulatória, mas no respeito à borda de *das Ding*, a coisa incestuosa, núcleo (*kern*) do Outro e, por extensão, do outro humano que nem a maquinaria simbólica nem o nosso apetite de qualquer índole deveriam abolir no avanço. Esse respeito pelo real do Outro /outro é o núcleo ético da psicanálise.

Os gregos chamavam a isso as leis não escritas da *diké*, que tornam humano o humano. As escritas, no entanto, as do *nomos*, deveriam ter a raiz nas leis da *diké*: a proibição do incesto, do assassinato e a obrigação ritual de enterrar o morto, visto que, mesmo tendo morrido, é o nosso semelhante.

O sintoma, encarnado em Antígona quando Creonte proíbe dar sepultura a Polinice, aparece justamente como o grito do real que tenta parar o avanço desmesurado do simbólico quando as leis do *maître*, necessárias para o funcionamento da cidade, tornam-se um capricho do patriarca. Esse é o *kerigma* (decreto desmesurado) de Creonte, que viola as leis da *diké*. Nossa política é a do sintoma, tentativa de freio à desmesura. Frágil equilíbrio entre a lei necessária para que um sujeito ou uma comunidade de laço social funcionem e sua borda sintomática, quando esta lei se

excede, levando em conta que o sintoma constitui um limite ao preço de ser uma escrita liminar selvagem.

Por aí anda o real que deveria reger a ética da psicanálise, o que nós, analistas, deveríamos tentar preservar, reescrevendo-o, assumindo a responsabilidade de contribuir para a proteção da psicanálise na cultura.

É preciso lembrar as singularidades únicas da cura analítica: é a única que dá a palavra a quem sofre e só aceita a suposição do analisando de nos outorgar o saber sobre a forma de retirá-lo do atoleiro como uma *tromperie* eficaz. Ao redor da nossa presença vai surgindo uma forma estranha, em cada cura nos transformamos, passamos a ser como um material moldável, que o analisando esculpe fazendo aparecer o perfil de um objeto que alguma vez formou o núcleo de uma espécie de casulo, fantasma em outro tempo protetor, mas que no momento da consulta, sufoca e detém a vida do paciente ou o envia a agir sem freio nem medida.

Esse casulo, antes protetor, impede agora o que Freud postula para os finais de análise, quando esse englobamento (que Lacan chamou *cross-cap*) deve ser cortado no bom lugar para restituir no sujeito a capacidade de - cito Freud em alemão - *Genuss und Leistungsfähigkeit*, nem tanto “amar e trabalhar” mas gozar do bom modo e ser capaz de produzir para sua própria vida.

Uma vez conseguido isso, o analista torna-se supérfluo. E será ejetado como representação do objeto, como bem sabemos. Eis o real de que falamos. Um analista *good enough* (apenas bom) aceita esse destino de *palea* (palha) que rodeia o grão precioso que não lhe pertence, e cuja borda escreve a letra. Mesmo ejetados devemos ser seus escribas.

Esse real que devemos proteger tende para seu desconhecimento, e até - e agora cito - “para sua negação sistemática”.

Freud descreveu o modo mais frequente desta negação radical: a formação de massas humanas, multitudinárias, ou na psicanálise de pequenos grupos; até chegar a

ser massas de a dois. Trata-se nada menos que da grande armadilha: a reunião de ideal e objeto em um líder que tampona ao máximo o hiato que, bem pelo contrário, o resguardo do real deveria definitivamente deixar aberto.

Segundo Lacan, Freud - reconhecido por Lacan como seu *maître* - advertindo que sua descoberta não poderia ser transmitida pelos discípulos, relutantes a salvaguardar o sulco incisivo de sua letra, aceitou a internacional que estava surgindo. Ele a aceitou como uma espécie de sarcófago para que a psicanálise, por algum tempo, se mantivesse em estado de vida latente, em estado vegetativo, esperando o leitor da letra que ali jazia com a esperança de encontrar seu leitor, para chegar ao destino em tempo.

Lacan se descreve a si mesmo como insuflando vida à múmia, que, lendo a letra esse *corpus* de prática e formalização acorda, reabrindo esse sulco esterilizado. Sulco de erosão formado pela Cascata de Letras.

A constituição de um grupo que coloca o ideal e o objeto em quem dirige, seja uma internacional ou um grupo de fato; chame-se como se chamar, transforma-se em lugar (cito) de “rotina que assegura nosso conforto”, com efeitos pesados de aborrecimento. Junto com condescendências que não devem ser confundidas com o respeito, acabam por transformar-se em sintomas de falta de vitalidade, de obliteração da letra, e - por que não pensá-lo - enlameando o sulco, já não incisivo.

Isto que descrevo pode acontecer cada vez que não for considerada essa dificuldade tão singular de manipular o fogo frio que é o real com que nós trabalhamos, que também queima e, ainda por cima, nós somos o material a ser descartado no final de cada análise. Frequentemente, provavelmente sem percebê-lo, compensamos essa queda que acontece em cada análise no âmbito do laço social analítico que, pelo contrário, deveríamos tentar escrevê-lo e resguardá-lo. Em particular, aqueles que por seu lugar histórico e simbólico marcam/marcamos os vetores para os quais as políticas da psicanálise apontam.

Elas deveriam ser as do sintoma. Porque o sintoma é, justamente, como eu falei antes, o grito do real que faz limite ao empuxo necessário, mas que não deveria tampouco exceder o discurso *maître*. Quando ele ultra/passa o limite, aparece o real do sintoma, e a política da psicanálise é dar-lhe seu lugar.

Voltando para o seminário da ética: Antígona tornou-se sintoma, escrita selvagem do decreto desmesurado de Creonte. Ele não funcionou como pai de sua pólis, mas como patriarca, neoplasia invasiva e potencialmente mortal da função do operador estrutural paterno.

Lacan tinha fundado sua escola como “refúgio contra o mal-estar na cultura” com a esperança de chegar a ter um espaço “livre de *todo* efeito de grupo”.

Evidentemente, a coisa não funcionou. As razões da preferência de um exercício de escola, às vezes a contrapelo dessas aspirações, ficam por ser interrogadas. Uma parte do afastamento desses propósitos, talvez excessivos, deveu-se aos efeitos de grupo e às lideranças carismáticas que se reclamavam e que às vezes se ofereciam nesse âmbito. Porque, tal como foi descrito por Etienne de la Béotie no *Discurso sobre a servidão voluntária*, é mais fácil deixar-se guiar que decidir e pensar por conta e risco próprios.

Neste breve espaço tento lembrar que nosso trabalho visa a acordar, a “dizer não” ao fato de qualquer grupo se consolidar no sentido e evitar dar lugar a escrever a letra que cinge o real de uma forma menos selvagem que a forma em que o sintoma a rodeia, e não apenas na nossa prática em intensão. Mas também no âmbito da extensão. Onde parece tão árduo.

Na pólis é um tema essencial e candente, em um momento em que o discurso totalizador da ciência disputa com a psicanálise pelo sofrimento “mental” do sujeito, tentando padronizá-lo.

Ao pretender eliminar o real do sintoma expropria de quem sofre a escrita, escrita selvagem mas sua, e é desapropriado de seu saber.

Exercer a política do sintoma equivale a respeitar a ética que nos reúne, no trato com uma letra selvagem que não aspira à sua domesticação. Mas à sua reescrita.